

17/12/97 14
 GB
 08

Fogo consome as florestas tropicais

ONG mostra que só as queimadas na Amazônia aumentaram 50% este ano. Mas países industrializados poluem mais o ar

Campinas — A entidade ambientalista Fundo Mundial para a Natureza (WWF), divulgou ontem, em diversos países, um relatório sobre as queimadas e incêndios florestais ocorridos em 1997. Segundo os ativistas mostram no documento, este foi o ano em que mais se queimou florestas tropicais, desde que existem registros.

Ainda não é possível avaliar a área total destruída, mas a estimativa apontada no relatório é de que pelo menos 5 milhões de hectares tenham sido queimados, entre florestas e outros tipos de vegetação, com destaque para áreas situadas na Indonésia e no Brasil. Esse total corresponde a dez vezes a área do Distrito Federal.

O fogo também atingiu vastas áreas de Papua Nova Guiné, Colômbia, Peru, Tanzânia, Quênia, Ruanda, Congo e outros países africanos, além de queimar a vege-

tação mediterrânica do sul europeu e florestas temperadas da Austrália, Rússia e China.

Jean-Paul Jeanrenaud, coordenador do programa de Florestas do WWF, disse, em Londres, que 1997 será lembrado como o ano em que o mundo pegou fogo. Segundo ele, só as queimadas na Amazônia brasileira aumentaram mais de 50% este ano, em relação ao observado em 1996.

“Estamos criando um círculo vicioso, em que o crescimento do fogo é tanto um resultado das mudanças climáticas quanto um fator que contribui para estas mesmas mudanças”, acrescentou Jeanrenaud.

Embora reconheça que a poluição do planeta — causada pela emissão de carbono — venha das indústrias e veículos dos países industrializados, ele não descarta a contribuição das queimadas e in-

cêndios florestais, este ano agravadas pela ocorrência do fenômeno meteorológico El Niño.

Em outras palavras, o fogo em florestas recém-derrubadas ou em florestas em pé contribui para o efeito estufa devido à emissão de gases como o dióxido de carbono, monóxido de carbono e óxidos de nitrogênio.

Na Amazônia, o monitoramento de queimadas por satélite da última década — feito pelo Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE) — já demonstraram que os anos muito secos, de fato, trazem problemas extras: as queimadas feitas pelo homem em áreas derrubadas fogem ao controle com mais facilidade e penetram na floresta.

Normalmente, o fogo não iria muito longe, nas matas amazônica e atlântica, porque a vegetação é úmida demais. Mas nos anos secos, abrem-se grandes frentes de incêndio, especialmente quando há trilhas de caça e/ou de coleta extrativista, o que é comum em quase todas as florestas brasileiras.

RECRUDESCIMENTO

No Sudeste Asiático, conforme o relatório do WWF, o fogo atingiu os

depósitos de turfa (restos vegetais em decomposição) e eles continuam queimando no subsolo. Estes incêndios subterrâneos podem se prolongar por meses ou mesmo anos e a expectativa é de haver recrudescimento dos incêndios assim que estiar.

“As pessoas são responsáveis por este círculo vicioso e elas devem encontrar soluções”, observou Jeanrenaud. “Os governos devem assumir a plena responsabilidade de levar a ameaça do fogo a sério e assegurar que a legislação e os sistemas de prevenção sejam adequados ao problema crescente”. As sugestões da ONG para reduzir o uso do fogo são: mudar as práticas de manejo para reduzir os riscos, fazer amplas campanhas de esclarecimento sobre as consequências negativas

das queimadas e desenvolver planos de manejo que assegurem apenas o papel benéfico do fogo.

A maioria dos incêndios florestais começa acidentalmente ou de forma criminosa, conforme explica o relatório do WWF. Existem os chamados

incêndios naturais, sempre lembrados pelas autoridades responsáveis pela implementação de leis de controle. Mas são casos muito raros, provocados por relâmpagos, durante períodos muito quentes ou muito secos.

FOGUEIRAS

O mais comum mesmo é o fogo acidental ter início em área de extração madeireira, em fogueiras de acampamentos (de caça, de lazer, de trabalho) e na beira de estradas, por causa de cigarros acesos ou materiais inflamáveis jogados dos veículos.

É ainda muito significativo — e crescente — o uso deliberado de fogo para limpar novas e velhas áreas de plantio, para acuar presas numa caçada, para a especulação madeireira, por protesto político, para obter prêmios de seguradoras ou por simples vandalismo.

Os ambientalistas do WWF consideram o desrespeito generalizado às leis como um fator crítico do abuso no uso do fogo. “O fogo é utilizado — e mal utilizado — como uma ferramenta de manejo, como uma arma em atividades criminais e como um manifesto político”, dizem eles, no documento.

Quanto aos impactos e consequências do uso do fogo, os mais conhecidos, no Brasil, são a poluição do ar, a perda de fertilidade do solo, as doenças respiratórias e as perdas provocadas por acidentes aéreos e rodoviários.

Mas a lista elaborada pelo WWF inclui ainda o aumento da erosão do solo, perda da vida selvagem, perda de colheitas, dano à propriedade e ao desenvolvimento econômico, dano à vida marinha e aquática, chuva ácida e contribuição para o aquecimento global.

“OS GOVERNOS DEVEM ASSUMIR A RESPONSABILIDADE DE LEVAR A AMEAÇA DO FOGO A SÉRIO E ASSEGURAR QUE OS SISTEMAS DE PREVENÇÃO SEJAM ADEQUADOS”

Jean-Paul Jeanrenaud,
coordenador do WWF

Devastação pode ser maior

Campinas — As queimadas dominaram realmente a Amazônia, com um aumento de 50% em relação a 1996, segundo mostra o relatório do WWF, o Fundo Mundial para a Natureza. Em apenas 41 dias, a partir de 1º de agosto, 24.549 focos de fogo foram registrados.

E estes números estão subestimados, porque o monitoramento nesta época só é feito à noite, quando a maior parte das queimadas agrícolas já acabou. Especialistas estimam que os números reais são, no mínimo, duas vezes maiores.

A maioria das queimadas está associada à exploração madeireira ou agrícola e à renovação de pastagens, porém algumas florestas primárias foram também destruídas. No sul do Pará, um terço da área queimada era formado por florestas virgens.

Na Colômbia, mais de 7 mil incêndios florestais ocorreram no ano, incluindo 37 dentro de unidades de conservação. Cerca de 17 mil hectares de parques nacionais foram queimados, incluindo aqueles que protegem as onças pintadas e o urso andino e áreas sob intenso esforço de reflorestamento. O país tem uma das maiores taxas de desmatamento anual do planeta e as queimadas são utilizadas para limpar áreas recém-desmatadas, como no Brasil.

Aproximadamente 130 mil hectares arderam só este ano. Casos sérios de erosão de solo e deslizamentos de terra foram registrados e a saúde de muitos habitantes foi afetada, sobretudo nas vizinhanças de Cali. Mais incêndios ainda devem ocorrer entre este mês de dezembro e março, no auge da estação seca, incrementada pelos efeitos do El Niño.

No sudeste asiático, entre as Filipinas e a Austrália, o fogo transformou uma extensa área em densa nuvem de fumaça. Os principais incêndios ocorreram em Java, Bornéu, Sulawesi, Irian Jaia e Sumatra. As estimativas somam mais de um milhão de hectares queimados. Cerca de 40 mil indonésios morreram, ficaram feridos ou doentes, devido à fumaça e aos acidentes com aviões e navios.

17/12/97 Pg 14 cont.
08